



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SUELLEN DOS SANTOS RAMOS (2)

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-574

Entrevistado: Suellen dos Santos Ramos

Nascimento: 09/05/1988

Local da entrevista: CEME, Porto Alegre – RS

Entrevistadora: Claudia Yaneth Martinez Mina

Data da entrevista: 17/04/2015

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 56 minutos e 35 segundos

Páginas Digitadas: 21 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no futebol e no futsal; Motivação; Futsal nas aulas de Educação Física; Participação de campeonatos/torneios na escola; Experiência em escolinhas de futebol; Experiência em um time profissional de futebol; Clubes e as competições; Inserção no futsal universitário com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Motivação no futsal universitário; Experiência no futsal universitário; O significado da prática esportiva dentro do time da UFRGS; Outras facetas com o futsal e o futebol.

Porto Alegre, 01 de julho de 2015. Entrevista com Suellen dos Santos Ramos a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martinez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Oi Suellen, obrigada por aceitar, novamente, conceder uma entrevista sobre tua história de vida dentro da prática de futebol e do futsal.

S.R. – Eu que agradeço!

C.M. – Eu gostaria de começar fazendo uma pergunta muito importante, como você começou a jogar futebol e futsal?

S.R. – Na rua principalmente, quando eu era pequena, comecei a jogar com amigos, vizinhos, e foi essa a minha primeira experiência que eu tive com o futebol.

C.M. – E os vizinhos que você jogava eram todos meninos?

S.R. – Sim, eu era sempre a única menina envolvida dentro desse grupo que jogava futebol na rua.

C.M. – E como você se sentia estar nesse espaço, só com meninos?

S.R. – Havia algumas situações que eu me sentia um pouco, digamos excluída ou diferente, mas na grande maioria das vezes eu me sentia bem, porque eu estava fazendo o que eu estava gostava e eu sempre gostei muito de olhar futebol. Mas *eles nunca me excluíram do jogo*, que eu me lembre, eu que me sentia assim: “Será que eu estou no lugar certo?” Até porque as vizinhas passavam e ficavam olhando e até mesmo falavam algumas palavras assim, do tipo: “Tu parece um guri, no meio dos guri”; “Tu tem que fazer coisas de menina”; “Não tem que ficar jogando futebol”. E através desse discurso eu ficava um pouco mal e pensando se era realmente o meu lugar, digamos assim, mas na maioria das vezes eu me sentia bem, porque eu estava fazendo o que eu estava gostando.

C.M. – E a tua família falava alguma coisa?

S.R. – Não, eu sempre morei com a minha mãe, o meu pai morava em outra cidade e a minha mãe *nunca, nunca*, falou para que eu não jogasse, ela trabalha fora. Então, meio período eu ficava no colégio, até a quarta série eu estudei em uma escola particular, que eu ficava o outro período também, fora o período de aula, de manhã na aula de tarde na escola. Depois da quarta série eu ficava de manhã na aula e de tarde eu ficava brincando na rua, então ela nunca me proibiu de ficar na rua jogando futebol com os guris, e até mesmo me incentivava, tanto que foi a partir dela que eu entrei para uma escolinha. Sempre foi minha maior incentivadora, a minha mãe.

C.M. – E nessa época, qual era o principal motivo para que você jogasse futebol?

S.R. – Era uma brincadeira, era assim, como esconde-esconde, corrida, patins que tinha na época, o futebol era uma brincadeira, era por divertimento.

C.M. – E você só praticava futebol, ou tinha outros esportes que também gostava de fazer?

S.R. – Teve uma época que eu pratiquei patinação, mas não era na escola, era uma escolinha especializada. E eu tentei fazer uma aula de *ballet* [RISOS], mas não gostei muito e acho que foi isso.

C.M. – Você estudou em uma escola particular, e nessa escola você também jogava futebol?

S.R. – Nessa escola particularmente eu não tenho muitas lembranças de como eram as aulas de educação física. Eu lembro que no contra turno do colégio, que a gente ia para a aula, almoçava e depois ficava fazendo outras atividades, e eu lembro assim, de algumas situações que eu estava jogando futebol com os meninos ou sempre correndo, eu estava sempre correndo, sempre com os joelhos machucados, sempre com as mãos raladas de cair no chão, mas nessa escola que eu fiquei até a quarta série eu não tenho muito nítido na cabeça, na lembrança.

C.M. – Você não lembra como eram as aulas de Educação Física?

S.R. – “Não! Eu lembro que era em um ginásio, mas assim, é como se eu tivesse apagado [RISOS], a partir da quinta série que eu tenho uma lembrança bem melhor.

C.M. – E como era na quinta série?

S.R. – Na quinta série eu troquei de colégio, eu troquei de turno também e eu comecei a estudar de tarde. E até uma situação bem particular, que eu era uma das poucas meninas na sala de aula, em um contexto geral da turma da quinta série, e tinham meninas e meninos mais velhos também, por ser do turno da tarde, mas eu sempre me dava muito bem com os meninos da minha sala, até porque eu estava sempre com eles, no recreio a gente jogava bolita¹, a gente jogava pião, na Educação Física eu jogava futebol com eles, jogava basquete, jogava vôlei, todas as atividades eu fazia com eles. Então, a partir daí eu começo a me lembrar das minhas aulas de Educação Física, porque eu tinha uma professora que incentivava muito que eu jogasse, e tinha um campeonato dentro do colégio de todos os esportes, como se fosse umas Olimpíadas, e como eu não tinha turma para jogar, não tinha meninas suficientes para jogar, ela arranhou que eu jogasse com outras meninas do turno da manhã, então a partir daí eu comecei a ter esse contato um pouco mais, mais forte com o futebol. E se eu não me engano, na mesma época ou um pouquinho mais além, a minha mãe buscou para mim uma escolinha especializada em futebol, que foi no Grêmio², então foi bem simultâneo essa minha troca de colégio e a participação na escolinha no Grêmio.

C.M. – Nas aulas de Educação Física, como que se estabeleciam, dividia por sexos?

S.R. – Não, não, eram divididos assim: por quatro trimestres, cada trimestre a professora passava um esporte, o primeiro trimestre era handebol, o segundo vôlei, aquela quarteto fantástico, handebol, vôlei, futsal e basquete. Na realidade, não, não era dividido, porque quando eu passei para o turno da manhã era tudo junto, mas eu lembro de algumas situações de que as meninas ficavam jogando vôlei e os meninos ficavam jogando futebol, nos momentos livres assim, da própria aula, mas eu lembro que eu ficava jogando com eles também futebol, futsal, e não gostava muito de jogar vôlei, entre outras atividades que ela propunha, mas não era dividido não.

¹ Jogo de bola de gude.

² Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

C.M. – E você dentro da escola participou de algum torneio?

S.R. – Desta escola do ensino fundamental, só dos torneios dentro da própria escola, fora da escola não, só depois no ensino médio.

C.M. – E a escola incentivava de alguma maneira a prática de vários esportes?

S.R. – *Incentivava*, inclusive, lá nessa escola que eu estudei no ensino fundamental, foi uma das primeiras escolas que implementou o *badminton*, e também teve equipe de patinação depois, mas aí eu já não andava mais de patins [RISO]. E eles incentivavam sim, levavam, inclusive, para campeonatos, mas acho que o pessoal mais velho, porque eu não me lembro de ter participado com a escola de algum campeonato fora dela, mas eles incentivavam sim, até porque tinha essas olimpíadas, essas, como é o nome? Esses campeonatos assim, de todas as modalidades, a gente podia jogar, eu lembro que eu jogava handebol, jogava de tudo, jogava futsal, jogava basquete.

C.M. – E depois no ensino médio, como foi a experiência do futsal?

S.R. – Bom, no ensino médio, aí sim eu comecei a jogar futsal de fato, mas as aulas de educação física eram separadas, eram separadas por meninos e meninas, e normalmente as meninas ficavam jogando vôlei e os meninos ficavam jogando futebol. Então, eu também não me recordo muito bem de como eram essas aulas, mas o colégio tinha um time de futsal, e aí eu fiz uma peneira, entrei no time, e comecei a participar dos treinos do time, e a partir daí que eu comecei a participar de campeonatos extraescolares. Dentro dessa escola, dentro desse time, eu conheci umas meninas que também jogavam, nós tivemos a brilhante ideia de montar um time fora do colégio [RISOS]. E aí que, além, de campeonatos escolares a gente começou a jogar outros campeonatos, que a gente chama de campeonato de várzea³...

C.M. – Várzea!

S.R. – Isso! De futsal também, e aí foi onde eu conheci uma galera.

C.M. – Só para retornar um pouco das aulas de Educação Física. Porque se faziam essas divisões?

S.R. – Por quê? Nunca me explicaram isso! [RISOS]

C.M. – Nunca explicaram, mas era a professora que tomava essa decisão?

S.R. – Sim, todas as aulas, de todas as séries do ensino médio... É que era um colégio só de ensino médio, então todas as aulas de educação física tu entrava no ginásio e já sabia que as meninas iam para um lado e os meninos iam para outro. E eu não me lembro se eram professores diferentes agora, para as meninas e para os meninos, ou se era o mesmo professor, “bah” não vou me lembrar.

C.M. – E quando vocês organizaram, você fez parte do time do colégio?

S.R. – Sim.

C.M. – E quais competições você participou?

S.R. – A eu participei... Agora para lembrar... Dos Jogos Escolares, que eu não vou me lembrar o nome agora, mas são os mesmos jogos que as gurias participaram. Participei dois anos, um ano nós fomos campeãs aqui do município de Porto Alegre e fomos disputar o regional, lembro até que foi bem legal, porque foi a primeira vez que eu viajei com o colégio e tal, mas chegamos na final do regional e perdemos, mas é mais esse assim, na minha época não tinha a Copa Paquetá⁴, que eu me lembre, era o JIRGS⁵ acho, acho que era o JIRGS, não era o JERGS⁶.

C.M. – JERGS.

S.R. – JERGS certo!

³ Denominação brasileira convencionada ao futebol praticado de forma desorganizada e amadora.

⁴ Campeonato interescolar do estado do Rio Grande de Sul.

⁵ Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

⁶ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

C.M. – E qual era o nome do colégio?

S.R. – Colégio Estadual Protásio Alves.

C.M. – E o que significaram essas experiências para você, fazer parte de um time, representar o colégio?

S.R. – Olha foi muito legal porque muito além das experiências eu fiz muitas amizades, eu acho que isso é o que eu posso dar mais valor assim, fora os jogos, as brincadeiras, as vitórias, as derrotas, mas as amizades que ficaram até hoje sabe, eu converso, e... Não digo convivo, mas mantenho contato com essas amigas que eu fiz, não no colégio, mas no colégio *no futsal*. Acho que mais isso.

C.M. – Você falou que pertenceu a uma escolinha de futebol, qual a escolinha?

S.R. – Sim, primeiro a escolinha do Grêmio, um time aqui de Porto Alegre, fiquei um ano lá. Enquanto eu estudava de tarde eu fiquei no Grêmio treinando de manhã, aí nesse mesmo ano... Eu fiquei um ano inteiro, no final do ano a escolinha fechou, o departamento inteiro de futebol feminino do Grêmio fechou, mentira, só a escolinha...

C.M. – Só a escolinha.

S.R. – Só a escolinha, só a escolinha, então, eu tomei a decisão de ir para o rival, que eu tinha amigas, vizinhas que jogavam no Inter⁷ e falavam: “Vamos lá, essa escolinha é legal, essa escolinha é legal”. E eu: “Não, eu não posso sou gremista, não posso, não posso”. Daí a minha mãe: “Vai! Vai deixar de jogar futebol agora por causa de rivalidade?” E eu: “Tá, então tá”. No ano seguinte eu entrei para a escolinha do Inter, aí na escolinha do Inter eu fiquei três anos, incluindo um ano que eu participei na equipe profissional do Inter também.

C.M. – E porque você ingressou na escolinha de futebol do Grêmio?

S.R. – Foi ideia da minha mãe na verdade, eu nem sabia que existia escolinha para menina, e ela foi procurar não sei da onde é que ela tirou, dá onde é que surgiu a ideia na cabeça dela, porque ela sempre me via jogando na rua, eu estava sempre com uma bola no pé ou embaixo do braço, via na televisão, gostava de ver jogo, então ela deve ter pensando: “Vou colocar essa gurria em uma escolinha”... Porque ela sempre foi muito a favor dos esportes, independente de qual seja, e procurou a escolinha para mim e eu comecei a treinar, então o porque, por causa da minha mãe [RISOS], porque eu nem sabia como seria fazer parte de uma escolinha só para meninas, mas como eu gostava uni o útil ao agradável e só fui.

C.M. – Quantos anos você tinha nessa época?

S.R. – Eu tinha doze, onze ou doze anos.

C.M. – E a escolinha, como você fazia para chegar até a escolinha, era com sua mãe?

S.R. – Quando eu estava na escolinha do Grêmio que era na parte da manhã, a minha mãe me levava, eram duas vezes por semana na terça e na quinta e ela me levava toda terça e toda quinta, e quando eu não queria ir, ela me forçava a ir [Risos], quando estava muito frio, quando eu sentia muito sono, ela: “Não, vamos, vamos porque são poucas meninas e se tu não for vai ser menos uma para jogar, então a gente vai”. A gente só não ia quando tinha chuva, porque era aberto.

C.M. – E quantas meninas tinham?

S.R. – Nossa, eram cinco meninas na parte da manhã, então, tu imagina uma aula com *cinco meninas*, mas eu me lembro que a professora era atleta do futebol, do departamento, era atleta do profissional do Grêmio, e ela era *muito boa*, ela era muito legal. A intenção era que eu trocasse de turno no outro ano, mas aí a escolinha fechou. Eu troquei de turno, mas eu passei para outra escolinha. Na escolinha do Inter, como era de tarde e a minha mãe tinha mais trabalho de tarde, ela trabalhava mais, ela me ensinou a pegar o ônibus, aí que eu comecei a andar de ônibus, ela foi umas duas ou três vezes comigo: “Olha, tu tem que

⁷ Sport Club Internacional.

descer aqui, vai caminhando aqui, volta caminhando pega o ônibus aqui, desce e deu”. E era isso aí, duas vezes por semana de tarde eu ia de ônibus sozinha ou com pessoas do mesmo bairro.

C.M. – E essa escolinha era só para meninas ou também tinha meninos?

S.R. – Era só para meninas, e eram *muito mais meninas*, tinha uma turma com mais de vinte meninas, dava para fazer um jogo completo de futebol. E eram várias turmas, começava às 14 horas da tarde e parava só às 17 horas, 18 horas da tarde e tinha a turma da manhã e de tarde todos os dias, lá no Inter lá no Parque Gigante.

C.M. – E como foi essa experiência de fazer parte de uma escolinha de futebol?

S.R. – *Foi muito legal*, porque foi na escolinha, nessas duas especificamente, mais no Inter, que eu aprendi toda essa questão tática, técnica que envolve o jogo de futebol, passou a ser um... Não só uma brincadeira virou uma coisa muito mais séria a partir daí, já virou assim um desejo de tornar isso uma profissão, a partir daí que eu comecei a conviver com jogadoras de fato. Porque o time do Inter, na época era um time que jogava vários campeonatos, o time profissional das mulheres, e eu comecei a vislumbrar aquilo como uma possível profissão: “Jogar futebol, adoro jogar futebol, quem sabe eu posso ganhar dinheiro com isso”, mas eu não imaginava que seria tão difícil [RISOS].

C.M. – Você em algum momento, já deixou, parou de pensar em fazer do futebol sua profissão?

S.R. – Sim, sim e não, mas... É meio complicado, porque hoje eu jogo futsal, mas eu trabalho com o futebol também, mas não de forma prática. Então, hoje eu enxergo um outro meio de trabalhar com o futebol, não só de forma prática, no campo, dando aula, ou jogando, eu descobri um outro campo, então, as vezes quando eu penso em desistir eu vejo uma outra possibilidade, daí já... Dura pouco tempo [RISOS].

C.M. – E você depois que começou a treinar na escolinha, você começou a jogar campeonatos municipais, como foi essa experiência de competir dentro da escolinha?

S.R. – Na escolinha praticamente todo final de semana tinha algum jogo, se não era amistoso, era torneio interno, ou era campeonato, ou era um torneio lá não sei aonde. Então, foi uma experiência muito boa, porque além dos valores que a minha mãe me passou, eu aprendi valores que o esporte passa, de competição e de amizade, enfim, e foi muito importante, muito importante. Às vezes eu vejo a diferença, principalmente, aqui do time da UFRGS⁸, das meninas que tiveram essa experiência de escolinha e das meninas que não tiveram, que foram aprender só aqui. Então, a diferença assim, principalmente, da maneira competitiva de ser, e de almejar alguma coisa e até mesmo tecnicamente, taticamente essa diferença é bem grande, então essa experiência que a escolinha me proporcionou de certa forma não me põe em vantagem, mas me põe, assim, um passo a frente, um pensamento à frente do que algumas que jogam comigo hoje.

C.M. – Até quando você fez parte dessa escolinha?

S.R. – Da escolinha, foi até 2002, eu entrei em 2001 fiquei 2001 inteiro, 2002 inteiro, aí no final do ano eu recebi um convite para participar da equipe profissional, mas só que eu troquei de posição, eu entrei na escolinha como atacante, eu joguei de lateral, joguei de volante, e do nada eu comecei a jogar no gol e me saí muito bem [RISO], fui muito bem no gol, virei goleira e como na equipe profissional eles estavam precisando de goleira, eles me subiram de categoria. E aí eu treinei no gol e meu Deus, eu acho que foi o ano mais cansativo da minha vida, porque eu treinava de manhã, e não era mais duas vezes por semana era todos os dias, de segunda a sexta, treinava, almoça e ia correndo para o colégio, estudava e ainda tinha *treino do próprio colégio*, então, foi um ano muito cansativo, mas durou só um ano, porque depois fechou o departamento do Inter.

C.M. – Você sabe por que fechou?

S.R. – Assim, saber, saber eu não sei, mas dizem que era porque faltou verba, então a primeira coisa que eles cortam quando falta verba, no clube, é o futebol feminino. Então se endividaram, e até foi uma época que o futsal também acabou, não só o feminino, o *futsal do Inter*, que era bastante renomado em nível nacional eles cortaram também e acabaram

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

com o departamento do futebol feminino e com a escolinha também, tiraram o espaço do Parque Gigante da Duda⁹. Que era a coordenadora da escolinha na época.

C.M. – Como que foi essa experiência dentro de um time profissional de futebol?

S.R. – Foi muito legal, apesar das dificuldades, porque assim, tu sai de uma perspectiva de escolinha, tu está aprendendo, que tu tem mais chances de erras digamos assim, para uma perspectiva profissional que tu vai fazer daquilo o teu meio de vida. E aumento muito a carga de trabalho, porque antes eu treinava duas vezes por semana e agora eu estou treinando *cinco*, então, eu meio que pirei a cabeça. Em alguns momentos eu pensei: “Eu vou parar, eu vou desistir”. E como era no gol, goleira é uma posição muito injusta, porque, tu não pode errar, *tu não pode errar mesmo*, aí que tu não pode errar, então eu pensava muito em desistir, pensava muito em desistir e a minha mãe: “Não desiste, não desiste”. Sempre ali, sempre ali: “Não desiste, não desiste”. Acho que ela é mais teimosa que eu. E aí foi, um ano inteiro, um ano inteiro, mas nessa... Na equipe profissional eu não jogava tanto, porque eu era reserva, eu até acompanhava o time às vezes, teve *uma vez* na final do campeonato, no *último jogo do campeonato* que eu fui para o banco, e rezando para a goleira não se machucar, porque eu ia ter que entrar [RISOS]: “Não, não, não se machuca”. Teve até um particular, um lance dentro do jogo que a Sol¹⁰ que era a goleira na época, a Solane, disputou uma bola e caiu, caiu e não se levantava mais, e o treinador: “Su aquece”. E eu: “Meu Deus” [RISO], mas no final ela se levantou, deu tudo certo e eu não precisei jogar [RISOS].

C.M. – Mas, além, dessa diferença na intensidade dos treinos, qual outra diferença você identificou de jogar em um time profissional e em um time de uma escolinha ou em um time de várzea?

S.R. – Acho que o tratamento, mas mais pela questão do compromisso da responsabilidade que tu tinha, eu não recebia para jogar, nem as passagens eles davam, mas, tinham meninas dentro da equipe que recebiam.

⁹ Eduarda Marranghello Luizelli.

¹⁰ Solane Farias.

C.M. – E porque faziam essa diferença, umas sim e outras não?

S.R. – Boa pergunta. Assim, tinham umas meninas mais antigas e essas meninas recebiam uma quantia, que eu não sei de quanto era, e tinham nós. As meninas que naquela ano tinham subido, a gente fala “subido” para a equipe profissional que algumas recebiam passagens e outras nem isso, eu subi junto com a Lícia¹¹ e a gente não recebia para jogar, mas para a gente era um *prazer* estar ali, apesar de que uma ajuda de custo viria bem, mas acho que assim essa diferença de responsabilidade é muito maior. E eles exigiam muito a presença no treino, tu não podia faltar no treino, era como se fosse um dia de trabalho, então, quem faltava no treino tinha que pagar caixinha, ou tinha que fazer uns treinos físicos a mais, então, acho que mais essa questão de tratamento mesmo de cobrança principalmente.

C.M. – O que significou para você fazer parte de um time profissional?

S.R. – Olha, eu acho que foi quase o auge da minha carreira [RISOS], foi praticamente, o auge, o Inter foi um time renomado nacionalmente, dentro do estado junto com o Grêmio era um dos clubes a ser batidos, e vinha em uma crescente muito grande de conquista de campeonato gaúcho, campeonato de copa sul, participava de brasileiro, eu não peguei a participação de campeonato brasileiro, mas eu sei que elas participavam. Então poder fazer parte desse grupo era a consolidação de um sonho, eu estava vivendo um sonho, e por isso que eu não desisti nos momentos de dificuldade, além da insistência da minha mãe. Então, eu acho que é isso, foi uma experiência extremamente gratificante que eu nunca vou esquecer.

C.M. – Depois que o clube fechou em qual time você continuou jogando?

S.R. – Eu continuei jogando no time que nós criamos, que eu criei lá junto com as minhas amigas da minha escola, o irmão de uma das minhas amigas era o treinador, e a gente treinava no Marinha¹², ou aluga quadra para treinar e participava desses campeonatos, então, eu fiquei jogando na várzea. A Duda transferiu a escolinha de lugar, daí eu não sei

¹¹ Lícia Sobrosa Machado.

¹² Parque Marinha do Brasil.

por que, mas eu decidi que eu não queria mais jogar, não sei, sinceramente eu não me lembro porque. Não sei se eu não queria continuar no gol, alguma coisa assim. E aí eu continuei jogando, mas futsal com essas minhas amigas, nesse time que nós criamos a partir do time do colégio.

C.M. – Você passou a jogar futebol ou a jogar futsal?

S.R. – Passei a jogar futsal, mas não de forma sistemática e planejada, assim, jogava, jogava no final de semana, treinava quando podia...

C.M. – Qual é o nome desse time?

S.R. – Agora Futebol Clube [RISOS].

C.M. – E depois que vocês montaram esse time, vocês ganharam alguma coisa?

S.R. – Sim, ganhamos um campeonato lá na Lomba do Pinheiro¹³, foi muito legal, foi o primeiro e único campeonato que a gente ganhou [RISO], mas nós participávamos sempre dos campeonatos, e a gente sempre chegava na semifinal, mas tinha campeonatos que tinham times *muito* fortes, que não eram times institucionalizados, não eram times profissionais, e tinha *muita* guria jogando, mas acabava que nos campeonatos eram sempre os mesmos times. E a gente acabou criando vínculos com essas meninas e o meu time era sempre o mais divertido, porque a gente fazia churrasco, fazia pagode e divertia o final de semana da galera, assim sabe, então mais ou menos isso.

C.M. – E o time foi até que época, o que aconteceu com esse time?

S.R. – Aconteceu que a maioria teve que começar a trabalhar, então as superioridades mudaram, como acontece com a maioria das meninas. Começaram a trabalhar, começaram a estudar em outras instituições fora o colégio, e acabou que se desmanchou. O técnico também teve que trabalhar, teve que trabalhar mais e não pode acompanhar, e acabou que a gente desmanchou o time e não jogou mais.

C.M. – E você parou de jogar nessa época?

S.R. – Parei de jogar nessa época.

C.M. – Quando tempo você parou?

S.R. – Olha eu acho que foram uns dois anos.

C.M. – E quando você retomou?

S.R. – Retomei aqui na UFRGS.

C.M. – Como você conheceu o time da UFRGS?

S.R. – Eu estava participando de um campeonato, com umas amigas que eu tinha na PUC¹⁴, que eram da Assistência Social, a gente estava participando de um campeonato que o DCE estava organizando, e neste campeonato estava o técnico da UFRGS que era o Gelsius¹⁵, que eu conheci ele quando eu estava na escolinha do Inter, na escolinha da Duda, e ele veio falar comigo: “E aí Su, tu está jogando na UFRGS? Onde tu estás jogando?” E eu: “Não, eu não estou jogando na UFRGS, porque eu vou fazer o vestibular agora esse ano”. E ele: “Se tu passar então tu me fala”. E eu: “ok”. Isso era setembro, novembro, o vestibular é sempre em janeiro. Eu fiz o vestibular passei no vestibular, mas eu passei para o segundo semestre, aqui divide, entra no primeiro e entra no segundo. E daí ele viu que eu tinha passado, não sei, descobriu, e ele: “Os treinos acontecem tais e tais dias, aparece lá”. E eu vim, apareci, e era uma época que o time da UFRGS tinha um plantel, digamos, que um pouco mais experiente, porque era uma época que tinha as especializações de futebol e futsal aqui, e o professor Voser¹⁶ que era o coordenador conseguia bolsas para essas meninas e para os meninos também, então ele meio que selecionava quem era do time, fora as meninas da universidade que tinham a chance de ingressar também. Aí eu vim e nem fiz peneira, comecei a treinar, treinei, treinei, e no

¹³ Bairro de Porto Alegre.

¹⁴ Pontifícia Universidade Católica.

¹⁵ Gelcius Vieira da Silva.

¹⁶ Rogério da Cunha Voser.

primeiro semestre eu não pude participar de competição oficial com a universidade, porque eu não tinha vínculo, mas no segundo semestre eu já participei da minha primeira Copa Unisinos.

C.M. – Em que ano foi?

S.R. – Em 2008.

C.M. – E qual era o motivo que você tinha para fazer parte dessa seleção da UFRGS?

S.R. – Eu sentia muita saudade de jogar. Jogar futsal sistematicamente, de aprender, eu comecei aqui com o Gelsius, depois com o Frejat¹⁷ e depois com o JeFf¹⁸. Então eu não queria parar de fazer atividade física, porque eu sempre fui muito ativa se eu não jogava eu corria, se eu não corria eu malhava, se eu não malhava eu inventava alguma coisa para fazer, então eu vi na equipe da UFRGS também uma maneira de me manter ativa fisicamente e acabou que aquilo foi me envolvendo de uma maneira, eu me envolvi com o time de uma maneira que eu não sei te explicar, uma coisa assim, de amor à primeira vista [RISO].

C.M. – Conte como tem sido essa experiência dentro time.

S.R. – Bom então, eu entrei no primeiro semestre de 2008, não pude jogar essa primeira competição, que foi o JUGS¹⁹ no primeiro semestre, depois a Copa Unisinos eu joguei, já nessa primeira competição eu virei capitã e desde então até o ano passado, tem sido, tinha sido eu. Sempre treinei, sempre fui uma das mais assíduas no treino, dificilmente eu faltava no treino, até que eu comecei a trabalhar mais, dentro da profissão que eu escolhi que foi Educação Física, aí eu tive que faltar a alguns treinos. Mas, a gente sempre teve duas competições muito importantes no ano, que era o JUGS, Jogos Universitários Gaúchos, e a Copa Unisinos, particularmente a gente sempre gostou de jogar mais a Copa Unisinos, porque era mais divertida [RISO], vêm times de outras universidades, outros estados, até do Uruguai vem time, e no JUGS era uma coisa muito competitiva. Pelo menos lá em

¹⁷ Rafael Nascimento Pereira.

¹⁸ Jefferson Dickel.

2008, 2009, a gente não tinha time para competir de frente com as equipes que eram formadas por *ícones* do futsal universitário do Rio Grande do Sul, até que em 2010 a gente começou a ganhar corpo, porque entrou na universidade jogadoras que tinham mais experiência com o futsal, e isso é uma coisa muito engraçada, porque sempre a gente tem que ficar rezando, a cada vestibular para que passe alguém com qualidade [RISO] para que possa fazer parte do time. Eu pelo menos, sempre meto uma pressão nas gurias que tão fazer vestibular: “E aí, vai fazer para a UFRGS?” Para aquelas que eu sei que jogam: “Vai fazer para a UFRGS, vai tentar entrar na UFRGS?” que daí tu sabe que vai agregar uma menina que tem qualidade, que precisa.

C.M. – Que significa para você fazer parte desse time?

S.R. – Eu acho que os significados eles foram mudando com o decorrer dos anos.

C.M. – Sim.

S.R. – No início, eu era muito inexperiente, no meu ponto de vista, em relação ao futebol, fui desenvolvendo dentro da equipe uma característica muito forte, que é de liderança e que eu dou muito valor para isso, e eu me via assim, como um dos exemplos a serem seguidos, e de certa forma isso, em alguns momentos pesou muito, pesou um pouco, porque tu está jogando, e tu olha para o teu lado e a guria está assim, com um olho desse tamanho te olhando, nervosa, e tu está nervosa também, mas tu não pode demonstrar, porque tu sabe que aquilo vai transparecer ou vai afetar a tua equipe sabe. Mas depois que eu comecei a lidar com isso, claro que o amadurecimento também me ajudou, foi mais fácil, então fazer parte do time da UFRGS hoje, para mim é algo que não tem explicação, ano passado eu decidi que eu ia parar de jogar aqui, e não consegui. Hoje eu já tenho planos para voltar, é uma coisa que eu não consigo deixar, porque é muito marcante em mim, é como se fosse uma segunda família mesmo, porque se tu for ver a gente passa bastante tempo justas e se for campeonato, então, que é um final de semana inteiro, acontece uma troca muito grande de conhecimento, de informação, de carinho, de amizade, que acaba valendo apenas todo esforço, não só pelas vitórias, mas o que tu está passando

¹⁹ Jogos Universitários Gaúchos.

para a outra pessoa e o que tu está recebendo de volta também. Significa se eu pudesse dizer assim, significa tudo para mim.

C.M. – Como você pode descrever essa experiência, como uma mulher que joga futebol e que é considerado um esporte masculino?

S.R. – Eu acho que todas as mulheres que praticam esse esporte são guerreiras, porque a gente está praticando uma desconstrução social em cima desse esporte que é considerado masculino. Que é considerado somente de homens.

C.M. – Sim.

S.R. – Então, eu me acho uma vitoriosa, independente de vitórias dentro da quadra, só de estar ali colocando o meu tênis, colocando o meu uniforme, e treinando, eu sou muito vitoriosa por conseguir praticar esse esporte que se dependesse da sociedade eu não praticaria, então, se eu tivesse que definir por uma palavra seria vitoriosa [RISO].

C.M. – E você, além, de ser jogadora de futsal, trabalha com o futsal também ou trabalhou?

S.R. – Isso, trabalhei! Já no segundo semestre surgiu uma oportunidade de trabalhar na Escola da Duda, não só com futsal, mas com futebol, os futebóis, digamos assim, dei aula para uma turma, duas turmas. Uma era uma turma mista de meninos e meninas, com idades entre seis, sete e oito anos, e uma segunda turma que era de mulheres mais velhas, aí a partir dessa oportunidade que eu tive com a Duda, eu fui convidada para trabalhar com a Tati²⁰ e com a Naná²¹ na escolinha do Grêmio, que elas iriam montar, uma escolinha conveniada ao Grêmio só para meninas e os treinos eram em quadra de futebol society, mas voltadas para o campo, os treinamentos eram voltados para o campo.

C.M. – E como foi essa experiência de ser treinadora?

²⁰ Tatielle dos Santos Silveira.

²¹ Narleide Varela.

S.R. – Nossa, foi muito boa, porque tu poder passar os teus conhecimentos e o que tu sabe para as outras pessoas é muito gratificante. Com as meninas em particular, foi onde eu mais amadureci, na escolinha do Grêmio, que era só com meninas, foi onde eu mais amadureci, porque o convívio, as atletas, eu tive que me tornar professora, não podia ser só atleta mais, eu tinha que ter uma postura de professora, diferenciada, que exige um certo respeito, isso na minha cabeça na minha concepção. Mas, foi uma experiência muito boa, porque muitas meninas passaram pela escolinha, infelizmente a escolinha fechou em 2012 se eu não me engano, mas eu participei da primeira aula que tinha uma guria só, e depois a escolinha foi crescendo, foi crescendo, e as meninas foram passando por lá e meninas de muita qualidade, meninas que hoje chegaram na seleção brasileira de base, meninas que hoje estão jogando fora do estado, jogando fora do país, e saber que tu passou um pouquinho do teu conhecimento para elas é muito legal. Por mais que elas não tenham virado atletas, e isso que a gente sempre falava, eu sempre falava para elas: “Por mais que vocês não viram atletas, vocês estão aqui aprendendo a ser pessoas, principalmente”. Então poder passar isso para elas foi muito legal.

C.M. – Teria alguma coisa que você consideraria difícil dentro dessa experiência?

S.R. – A rotatividade das meninas, e também a idade que elas chegam.

C.M. – Quantos anos mais ou menos?

S.R. – Chegavam com treze, quatorze anos, que é normalmente a idade que as meninas começam a jogar futebol sistematicamente, porque ou os pais não deixam, ou não tem aonde jogar. Então, nós tínhamos poucas meninas, e isso foi melhorando com o tempo na escolinha, mas nós tínhamos poucas meninas com idade de seis, sete anos, que é a idade que se tem que começar a desenvolver os aspectos esportivos, então, acho que a maior dificuldade era essa, delas chegaram já em uma idade um pouco mais avançada para conseguir desenvolver algumas habilidades e a rotatividade, porque assim como entravam muitas meninas, saíam também muitas meninas, então, a não permanência delas no esporte atrapalhava um pouquinho o trabalho.

C.M. – E você tinha conhecimento de porque elas não continuavam?

S.R. – A grande maioria era porque chegava uma idade em que elas tinham que escolher ou em trabalhar, ou em estudar. Porque o futebol para elas, sempre foi tratado assim para a grande maioria, não vou dizer que para todas, sem foi tratado com um *hobby*, não como um possível meio de profissão. Então, as que chegavam ali nos dezessetes, dezoito anos que permaneciam com a gente evadiam, porque faziam vestibular e passavam no vestibular, ou começavam a trabalhar porque a mãe não queria mais pagar a escolinha, porque era muito custo, ela tinha que trabalhar para conseguir pagar a escolinha, mas se ela trabalhasse ela não ia conseguir fazer parte dos treinos, ou por desistência mesmo, mais por isso mesmo.

C.M. – E além, de trabalhar na escolinha ensinando você teve outra experiência relacionada com o futsal?

S.R. – Sim [RISOS]. Esse ano eu recebi o convite de ser técnica da engenharia aqui da UFRGS, eles têm uma associação atlética que é muito organizada, surpreendente, e eles desenvolvem vários esportes, futsal, futebol, handebol, basquetebol, feminino e masculino e aí uma das coordenadoras lá do futsal veio falar comigo, perguntando se eu queria ser técnica delas, das equipes de futsal das gurias. E eu aceitei! Aceitei e foi uma experiência muito legal, muito boa, porque eu vi que eu consigo ensinar futsal, não só futebol, porque querendo ou não são coisas diferentes, envolve uma bola envolve pessoas jogando, mas a sistemática é diferente e foi muito bom, porque a gente tinha um objetivo que era de um campeonato que era as Engenharíadas que aconteceu no Paraná, e a gente estava treinando para este campeonato, e as gurias queriam *muito* ganhar esse campeonato e eu queria muito também, e a gente acabou ganhando e todo o trabalho que eu fiz, no caso, deu certo digamos assim. Elas foram muito disciplinadas e humildes, principalmente, em relação ao objetivo, e nós fomos contempladas com o título.

C.M. – Você pode falar qual a melhor coisa que o futsal ou o futebol trouxe para a sua vida?

S.R. – As minhas amigas, com certeza, a quantidade de amigas que eu fiz, não só amigas, amigos também. É impressionante, de tu chegar no ginásio e tu olhar para um lado: “Aquela lá eu conheço”. Olhar para o outro lado e: “Aquela lá eu conheço”. E não só ser

conhecidas, mas a troca de sentimentos, de valores, de se ajudar nas horas difíceis nas horas fáceis, e com certeza a melhor coisa que o futsal e o futebol me deram foram as amigas.

C.M. – Algum aspecto negativo dentro dessa experiência?

S.R. – Aspecto negativo acho que o principal é o preconceito, que vem de pessoas que não conhecem o esporte. Não propriamente o esporte, mas não tem conhecimento específico do que é o esporte praticado por mulheres, pessoas ignorantes mesmo, não tem mais o que fazer e ficam impedindo que a filha jogue, ficam falando bobagem sobre esse esporte jogado por nós. Então, acho que esse é o ponto mais negativo assim, de achar que as mulheres não são capazes *ainda* em pleno século XXI de jogar futsal, de jogar futebol, e esse preconceito impede muita coisa, impede que muitas coisas evoluam. O fato dos times não serem remunerados, o fato das meninas começarem tarde, o fato de as meninas não permanecerem no esporte, isso tudo envolve preconceito em relação ao futebol e o futsal. Acho que esse é o mais negativo de todos.

C.M. – O que significava futsal para você antes e o que significa agora?

S.R. – Futsal para mim antes, era uma bola e um gol. Hoje futsal para mim é inteligência, se tu não pensar o jogo, se tu não doa um pouquinho da tua capacidade intelectual no jogo, tu não vai ter sucesso nele. Além desses aspectos mais técnicos que eu vejo como fundamentais para que tu consigo praticar e físicos também tu tem que ter. Uma condição física no mínimo possível, mas futsal hoje para mim, além de tudo significa família, independente de onde eu estiver jogando ou sendo técnica, ou sendo torcedora eu vou construir uma família, eu vou ter uma família que eu vou poder contar.

C.M. – Consegue fazer um resumo do que você se lembra sobre os times que você jogou até hoje?

S.R. – Sim, eu comecei no Grêmio, depois eu fui para o Inter, no colégio no Protásio, no Agora, daí entrei na UFRGS, durante a UFRGS eu joguei no Lindóia²², joguei no São José²³, joguei no Grêmio de novo participando de seleção gaúcha e da equipe do Canoas²⁴ com futebol também, acho que foi isso, não foram muitos.

C.M. – E futsal em nível profissional você jogou?

S.R. – Futsal... Defina profissional?

C.M. – Aqui tem um campeonato estadual...

S.R. – Sim, joguei. Joguei com o São José.

C.M. – E qual a posição ocuparam nesse ano?

S.R. – Nesse ano nós ficamos em terceiro lugar eu acho. Eu acho que foi... Não foi segundo, eu não me lembro, mas acho que não foi segundo, foi terceiro ou quarto. Aí em um outro ano eu comecei a jogar pela APF²⁵, mas aí os treinos eram de noite e eu comecei a trabalhar de noite, e nesse ano elas foram campeãs estaduais, mas eu não participei, só no início da temporada.

C.M. – E você como chegou ao time São José?

S.R. – Porque o treinador da UFRGS, que era o Frejat, o Rafael Frejat, montou um projeto lá no São José, de futsal, se eu não me engano ele montou uma escolinha e logo depois surgiu a equipe adulta ou ao contrário, não me lembro. Mas, ele montou o time e me convidou para jogar, eu e algumas outras meninas aqui da UFRGS.

C.M. – E vocês tinham alguma remuneração? O que o time dava para vocês?

²² Lindóia Tênis Clube.

²³ Esporte Clube São José.

²⁴ Canoas Futebol Clube.

²⁵ Associação Porto-Alegrense de Futebol.

S.R. – Nada, nada, mal os uniformes. Eu acho que o Rafael conseguiu que eles mandassem fazer os uniformes, em alguns momentos, mais no início do campeonato estadual eles pagavam o transporte, mas depois eu fiquei sabendo que teve que sair do próprio bolso do Rafael e dos outros integrantes da comissão técnica que se endividaram, inclusive, e davam o espaço para treinar, dava o espaço para treinar lá no Zequinha²⁶, treinávamos no ginásio e não precisa pagar.

C.M. – O que você considera como as melhores ou maiores conquistas dentro desta experiência, dentro desses campeonatos? O que ganharam? Toda essa experiência.

S.R. – Foi a Copa Unisinos de 2012, e o JUGS de 2014. E junto com o JUGS veio a ida para o JUBS, que são os Jogos Universitários Brasileiros, lá a gente participou da segunda divisão, porque o Rio Grande do Sul estava na segunda divisão, infelizmente a gente não conseguiu passar o Rio Grande do Sul para a primeira divisão, mas mesmo assim foi uma experiência incrível, incrível, uma organização que tu não está acostumada. Tu chega lá, a passagem paga, passagem de avião paga, hotel tudo pago, comida paga, eles te levam para o jogo, eles te levam para o refeitório, te levam para o hotel, tu não precisa se preocupar com nada só em fazer o que tu está lá para fazer, que é jogar bola, não só nós, com os outros atletas das outras modalidades também. Então, o hotel era muito bom, a comida também, os ginásios muito bons, então, a apesar de não ter conquistado uma medalha, eu considero uma conquista pessoal, porque foi o primeiro campeonato a nível nacional que eu joguei e no futsal. Então, eu acho que foram os maiores, fora outras participações, de estadual que eu também considero conquista, e outros campeonatos que a gente participou com a UFRGS aqui, que a gente ganhou, mas esses universitários têm mais expressividade.

C.M. – Teria mais alguma coisa que você gostaria de me contar relacionado com a sua experiência pessoal com o futsal ou o futebol?

S.R. – Eu acho que não.

C.M. – Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁶ Estádio do Esporte Clube São José.